

# midsummer madness

second come

derek jarman

telescopes



quadrinhos

garage fuzz

manoel de Barros

zine

ano 3

nº 5

# midsummer madness

## 5

# louder and prouder!!

(In)felizmente estamos todos respirando agora, neste infinitesimal suspiro. Suspirem, Midsummer Madness voltou. Ou melhor, QUASE acabou. Mas por coincidência espaço-temporais renasceu do tédio e da falta de feedback encontrando outros dois maniacos que acreditavam na possibilidade de se fazer um zine inteligente. Apoiando-nos mutuamente, não nos deixamos cair até que, por acaso, você está nos lendo agora.

semana e que já tem "umas cinco músicas próprias de pé". Algumas dessas pessoas estão aqui e o endereço delas também. Por isso, por favor adorador leitor, escreva para essas pessoas e para nós se você tiver uma banda. Tenho vontade e meios de divulgar o que for possível, além de acreditar que é possível também criar um intercâmbio entre leitores, bandas, gravadoras e casas noturnas. A idéia do zine daqui em diante é manter uma periodicidade para que possa se firmar com voz destas bandas. Além de novidades nacionais, pretendemos trazer matérias com pérolas do rock internacional de maneira independente, evitando sempre que possível a simples tradução e repetição do que rezam os semanários ingleses. Se no número 4 as influências eram Smi-ths, House of Love e Galaxie 500 agora o zine pesa algumas toneladas a mais com My Bloody Valentine, Telescopes, Dinosaur Jr., Second Come, Teenage Fan Club e Smashing Pumpkins.

### EXPEDIENTE:

Midsummer Madness é: Rodrigo Lariú, Michel Alecrim e Gabriela Dias (SP)  
Colaboradores: Alessandra Lariú, Carlos Eduardo Pilotto, Fábio Leopoldino, Pedro Butcher  
Agradecimentos: Isabel C.A. de Azevedo e Maria Luiza Mesquita (CETEX-UFRJ), Fábio, Kadu, Francisco e Fernando (Second Come), Isabel Mansur, Leandro Ferreira, Jorge, Wolmar, Erica e Romi Atarashi (SP), Alexandre Brás (Santos), Marion Velasco, Antonio Navarro e Alexandra Fiori (Porto Alegre), Giulliano Fernandez (Brasília), Scott Munroe (EUA)  
Capa: foto por Alessandra Lariú, revelação e arte por Carlos Eduardo Pilotto, modelo: Beatriz Lamago (Drivellers)  
Diagramação: Midsummer Madness e Maria Luiza Mesquita  
Arte Final: Rodrigo Lariú  
Edição: Michel Alecrim  
Revisão: Gabriela Dias

Endereço: Rua General Severiano, 40 / 306 - Botafogo Rio de Janeiro - RJ CEP 22290 Brazil Telefone (021) 542-6810

### ÍNDICE:

Editoriais .....	Págs. 2 e 3
A Critica Bombardeada ..	Pág. 4
Telescopes .....	Pág. 5
Watchmen .....	Pág. 6
Adventure .....	Pág. 7
Make Believe .....	Pág. 7
MTV .....	Pág. 8
Garage Fuzz .....	Pág. 9
Second Come .....	Págs. 10 e 11
Quarto de Brincar (HQ) .....	Págs. 12 a 15
Drivellers .....	Pág. 16
Manoel de Barros .....	Pág. 17
Low Dream .....	Pág. 18
Nirvana .....	Pág. 19
Derek Jarman .....	Pág. 20

### Agora.

O número 4 foi lançado há quase um ano e meio e neste intervalo muita coisa aconteceu. Conheci pessoas e acabei me apaixonando por elas, uma delas agora faz o Midsummer Madness junto conosco — Gabriela. A outra pessoa que também se uniu a esta maluquice é o Michel que estava igualmente perdido na UFRJ, onde nos conhecemos. Com duas novas cabeças, talvez isto a que por acaso nos dedicamos oito meses lhe agrade.

### Dedicação.

Confesso que mais uma vez enrolei o meio de campo. No número anterior montei uma fita só com bandas novas para ser vendida junto com o zine, divulgando assim bandas nacionais que gostava. Esta inovação me custou a cabeça e alguns trocados. A divulgação no jornal "O Globo" e na "Folha de S.Paulo" inundou o meu endereço com cartas, metade ainda permanece em minha mesa... Para completar, o endereço mudou para o Rio de Janeiro. Tudo isto sobrecarregou o zine de uma maneira tão sufocante que aos poucos começou a estagnar e a cansar. Vãs tentativas de reanimação foram frustradas, como a exibição do até então inédito vídeo da Creation na Laura Alvim que deveria relançar o zine mas virou uma festa de amigos.



### Toneladas.

Espero que todos escrevam enviando opiniões e colaborações e baseado na resposta das pessoas que próximos editoriais serão escritos. São muitas as frases que gostaria de usar para fechar este editorial, a maioria delas tiradas de letras de músicas como "A denial!" ou "I don't have a gun" do Nirvana que tanto estimulou Gabriela, Michel e eu; "Everything is nothing/To be something is to die", "Forget yourself but remember me" e "I will be breathing, will you?" do Telescopes que tem me empurrado e me drogado até aqui; "Feed me with your kiss" do My Bloody Valentine, "A little kiss on your little lips" do Second Come e "And if you walk away/I can't take it" do Jesus para me lembrar de algumas pessoas e dar o tom certo a algumas palavras.

### Pessoas.

Mais subjetivo, impossível. Se não me faço compreender, leia os editoriais seguintes para maiores (e melhores) informações. Como o agora não me deixa em paz, lembro de pessoas que devem ser citadas, que meu carinho se faça a todo agora que ocorrer a essas pessoas. Antes que eu me desintegro. Obrigado a Fábio, Alessandra e Michel. Dedicado a Gabriela por ser a primeira (e por enquanto a única) a valorizar de maneira vital o porquê dessa maluquice. Respire agora.



### Coma.

Fitas sumiram. Cartas deixaram de ser respondidas. Promessas. Duas mortes virtuais. Mas a praga não some com tal facilidade, afinal de contas até hoje fiz excelentes amigos por causa do zine. Se acabasse, estaria desprezando uma imensa e excitante possibilidade. Tudo recomeçou num ritmo alucinante e assim estamos nos conhecendo agora: com vontade.

### Vontade.

É muita coisa que tenho vontade que aconteça. Primeiro: existem muitas bandas nacionais correndo atrás do que pode ser sangue novo nesta Legião podre do rock atual. Muita gente me escreveu dizendo que toca "com uns amigos" no final de

xerox:  
**CETEX**  
centro de estudos  
da expressão

Escola de Comunicação • UFRJ

\* OBS.: UM BEIJO À LÍVIA L. PARTE DESTA ZINE TEM INSPIRAÇÃO VÍMPAS DELA.

# midmad manifesto

VULGO EDITORIAL  
GABRIELA DIAS

Percamos aqui a virgindade um do outro, caro leitor. Penetrando nas delicias do mundo da eterna *midsummer madness*, sem muita dor — ainda que com força. Afinal, onde mais encontrar **inteligência, beleza e tesão?** *mm* é o parceiro perfeito.

Defini-lo seria abdicar dos mistérios essenciais aos relacionamentos. Pincele-se, então, que ele é um caos organizado, um brasilianista culturalmente colonizado, um monstro de três faces. Eu sou apenas uma delas.

(Talvez a mais horrenda. Agora, por exemplo, deveria estar comentando este nº 5 — e não estou. Embora queira. Embora vá. Tem-se mesmo que ser muito especial para, apesar de quinto, fazer gozar como o primeiro.)

Explico. O presente número é a

estréia oficial da reformulação **midmadmaníaca**, após um transitório bastardo expelido em janeiro. *mm* continua disforme, pegajoso, penetrante; tudo isto, contudo, foi potencializado por novas adesões. Assim é que, agora, há propostas: jornalismo (não o raquitico, sifilítico, viciado que diária ou mensalmente obstrói nosso sistema cerebral); compromisso da regularidade irregular (três a quatro exemplares/ano, de início); **globrasilidade** criativa calcada no critério supremo do talento. Em suma, no *rules & much fun* — mas com uma seriedade anárquica.

Ao escrever usamos um recurso anatômico meio esquecido nas redações em geral: o cérebro. E por isso que podemos formular textos como os que seguem, com conteúdos

diferenciados do que se arrota por aí; é também por esta peculiaridade que conseguimos fazer uma análise sobre o Pearl Jam baseada, principalmente, no poder expressivo de seu vocalista — antes mesmo da imprensa internacional (que, é claro, também lemos — mas não copiamos). Como, entretanto, não dispomos dos recursos deles, só a publicaremos no próximo nº — roa as unhas e aguarde! Ficamos sujeitos, assim, ao desagradável risco de passar por plagiadores — e este é um problema básico de quem produz no Brasil (vide, a propósito, a matéria com **Second Come**, nesta edição).

Mas nada de ladainhas. Reclamar não adianta; fazer, sim. Seja nosso cúmplice, nosso íntimo, companheiro de cama e hospício. Nada de promiscuidade: o que há por aí é **aidético**, e a AIDS mata.



FOTO POR ANDREA ZUANNI

## Midday Reason

EDITORIAL

MICHEL ALECRIM

Muito estranha essa nossa época. Enquanto uns idiotas festejam o fim da História, outros acham que ela já devia ter acabado há muito mais tempo. Quando o esquema dos países ditos socialistas — ditos comunistas — se desmantelou, viveu-se a euforia dos capitalistas e dos ingênuos, que assistem assiduamente aos noticiários da TV e lêem as páginas de opinião dos jornais.

Agora que a euforia passou, vive-se o medo. O medo das grandes potências que não controlam mais a ilusão vendida: a ilusão da igualdade e da felicidade do consumo. E o medo da elite brasileira de ser seqüestrada, estuprada, assaltada ou de deparar com um mendigo porcaamente sujo e maltrapilho. A publi-

cidade agressiva e o ímpeto do consumo só trouxeram a violência e a democracia da burrice. E o fim da História pra essa gente é o reflexo do medo de encarar a mudança.

É por aí que anda a indústria cultural. Uma falsa pluralidade, às vezes passiva em relação a movimentos de censura e nacionalismo, ora nos Estados Unidos, ora na Europa. Ainda assim, mesmo dentro do esquema do lucro-acima-de-tudo, encontram-se filmes que se podem dizer contestadores e bandas criativas. No entanto, a imprensa ainda faz grandes restrições a bandas que não tenham um contrato. O que se dirá das rádios e da televisão?

O que são os fanzines diante disso tudo? Ora o subproduto da im-

pressão internacional, ora uma resposta a esta mesmice. E é no segundo caso que pretendemos nos colocar. Em meio à decadência, a criatividade. Em oposição à manipulação, o diálogo. E na contra-mão da verdade absoluta do jornalismo, o nosso mosaico e nossas contradições.

Portanto, se alguma coisa o incomodar aqui, caríssimo leitor, não se espante; isso é mais que necessário, é vital. Tão vital que esperamos sempre alguma resposta e alguma participação, ainda que — e principalmente — contrária.

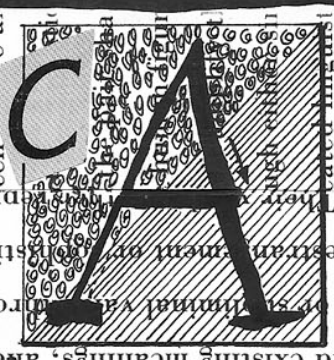
Se você não tem medo, continue a ler este fanzine, e entre definitivamente na História, como a gente.

# A CRÍTICA

Quando a crítica não agrada ao artista que tem seu trabalho julgado, este logo diz que não houve critérios para o julgamento, que, segundo ele, é sempre aleatório ou manipulador. No entanto, quando há uma preocupação em tornar a crítica totalmente acadêmica, o pedantismo é tanto que ninguém se interessa; passa-se para a página seguinte, com toda a razão.

O que é óbvio é o fato de que, se a crítica deixasse de lado todos os critérios, não haveria necessidade dela existir. Todos sabem bem do que lhes agrada ou não — segundo seus próprios critérios. Bastariam aquelas matérias informativas em que predominam os clichês como: "tal grupo está mais pesado agora" ou "em tal filme predomina a narrativa lenta". Nunca se saberá qual é o critério correto, no entanto, ninguém leria nada que não tivesse um outro prisma que não o seu. O que não pode ocorrer são certas críticas arbitrárias e preconceituosas que chegam ao ponto de julgar o trabalho pela pessoa que o fez ou, às vezes, pela cidade da qual ela é proveniente — se é ou não uma cidade em evidência.

Quando o crítico abandona os clichês para tratar o assunto com critérios eruditos e acadêmicos, ainda acaba se limitando. Deixa, com isso, de relatar detalhes que só



são entendidos com uma visão impressionista e subjetiva. O fato de haver determinados critérios preestabelecidos não empobrece a análise do trabalho, mas nem tudo é alcançado por este meio, sendo necessária uma outra visão que passa por um amadurecimento e uma atenção maior no que diz respeito à emoção.

Quando é o caso de o som do grupo ter ficado mais pesado, além de constatar isso, é obrigação do crítico avaliar esta mudança. É óbvio que nem tudo o que é pesado é igual, mas certas sutilezas não são facilmente percebidas.

É o caso de se perceber o quanto o trabalho é reflexo do interior e do estado de espírito de quem o faz. Dizia Nietzsche que: "De todo o escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escrever com o seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito." Apesar de estar se referindo à literatura, não se pode deixar de evitar uma comparação com qualquer outra linguagem. Em tudo o que é bom há sempre a emoção de quem o fez. Tais coisas não são fáceis de compreender, sendo necessário valer-se da própria emoção para isto, seja no caso do público ou da crítica. O amadurecimento de uma geração depende muitas vezes da iniciativa de quem cria o que se ouve, o que se lê ou o que se assiste. É preciso

representa a co...  
human figur...  
photograph...  
of Western civ...  
types and sy...  
times the "bo...  
ation is also t...  
dern commu...  
fusion or t...  
As an elabor...

SHOOTIN' YOURSELF  
Vallhonrat hased  
Theirs  
codes o

**THIS ONE IS GONNA KILL YOU.**

provocar uma certa inquietação nas pessoas, o que não é possível quando o artista está preocupado com uma estética que seja "perfeita" ou, em caso contrário, quando ele se preocupa demais em agradar ao público mais acomodado.

Não existe uma estética que fale por si, que se posiciona numa escala de valor pelo bom gosto nela imprimido. A importância da arte está no grau de loucura e de inesperado. É claro que nem tudo o que é diferente é bom. É preciso haver um sentido na loucura... Quando se procura ser diferente, isto está sempre em relação a um aspecto de algum movimento anterior e nunca aleatoriamente. Esta dialética é que deve ser percebida pelo crítico que tenha um nível intelectual razoável.

Uma crítica feliz é aquela que é conduzida por certos padrões e que leva as pessoas a enxergarem de uma outra forma aquilo a que estão acostumadas ou aquilo para o qual não atentaram ainda, sem deixar de levar em conta nenhum aspecto. Contudo, não se pode esperar daí nenhuma unanimidade entre todas as partes envolvidas. Há, e sempre haverá, controvérsias com relação ao valor de uma obra. Não se pode reduzi-las a diferenças entre o "gosto" do público e da crítica.

# THE TELESCOPES

agulha perfeita



## The Perfect Needle

Cerise, release and so much more  
With perfect needle, hits the floor  
I will be breathing will you?  
Velvet warms all over here  
Velvet warms all over here  
Lay down in painless falling now.  
And it hurts too much to be where you are  
Hurts too much to be where you are  
I've got the perfect needle  
I've got the perfect needle  
For you  
Surrender down comes everything  
Breathes no more and fails to sleep  
Blind and helpless sick and dead  
Treasure waits complete and there  
With scattered needles everywhere  
Thorn at the end of every road  
Thorn at the end of every road.

"Eu estarei respirando, e você?", pergunta Stephen Lawrie, vocalista e guitarrista, na música "The Perfect Needle" ("A Agulha Perfeita"). Ouvir os EPs e o LP do Telescopes é sufocante; suas letras tristes inconfundivelmente, berradas em meio a estrondosas guitarras, soterram o ouvinte em êxtase e medo.

Como um dos representantes mais radicais da antes tão falada classe de 86, o Telescopes acabou renegado ao anonimato por não ceder aos apelos comerciais de gravadoras que, como sempre, tentavam encarnar o espírito da moda. Na época, a gravadora era a Creation e a moda eram guitarras simples com rifes sixties, leves tocadas psicodélicas e muita energia, traduzida muitas vezes em rapidez. Todos lembram de Primitives, My Bloody Valentine e Jesus and Mary Chain como expoentes máximos daquele estouro, mas o Telescopes sempre permaneceu desconhecido, até mesmo na Inglaterra, onde seus shows eram freqüentados por adolescentes e amigos no subúrbio de Camden Town.

Talvez tenha sido a postura anti-pop e a arrogância de Stephen Lawrie que afastaram o público mais acostumado a popsters em flashbands que, num piscar de olhos (e num gesto significativo que consiste em tirar algo do bolso), ocupavam os primeiros lugares do top indie inglês. "Eu acho que nós [a banda] somos mais artísticos. Eu gosto de ver pessoas sentadas com uma pintura de Salvador Dali numa mão e um Martini na outra, vendo nosso show", viaja Lawrie. Com certeza a pintura de Dali se moveria, tomaria uns goles do Martini e chacoalharia muito a cabeça se ouvisse os dois primeiros EPs e o LP da banda: "The Perfect Needle", "7th Sharp Disaster" e "Taste", respectivamente.

Além de Lawrie, Joanna Doran (guitarra e cornetas), David Fitzgerald (guitarras), Robert Brooks (baixo) e Dominic Dillon (bateria) também conseguiram achar beleza e

arte na beira do precipício. Em letras como "E quando eu penso, eu penso, parece que eu caio, ela grita, eu caio, ela grita (...)" Esta arma está carregada, eu estou entediado e esta arma carregada, ha, ha, ha, ha." ("I Fall, She Screams"). Tem-se a impressão de estar caminhando sobre pedras de um rio que termina numa grande cachoeira, e tudo se resume em apenas não se molhar. O primeiro LP da banda, "Taste", compara-se ao "Isn't Anything" do My Bloody Valentine em termos de barulho e saturação — só que o Telescopes é muito mais rápido.

Até este LP de 1987, a banda era contratada de uma obscura gravadora chamada *What Goes On*. Em junho de 90, tudo mudou com a passagem para a Creation e o lançamento de um precioso 7P: "Precious Little". Com quatro músicas claustrofóbicas, uma cândida capa e letras românticas, o Telescopes talvez tenha atingido seu ápice. A partir daí, os EPs "Everso", "Celeste" e "Flying" só têm mostrado músicas de um bando de cínicos ingleses alucinados que somente agora, cinco anos depois, chegam ao seu 2º LP que não tem título. Aqui entre nós ele é conhecido com "Untitled" (ou "Sem Título"). As composições são razoáveis (audíveis, podemos dizer), mas nada no nível das primeiras. Os clichês de "Celeste" e o mantra beatlemaniaco de "Flying" só revelam que o Telescopes se entregou aos braços da repetitiva música de Manchester. Porém, o Telescopes pelo menos revisa as bandas certas como Pink Floyd (em "High on Fire"), Beach Boys circa "Pet Sounds" (em "The Presence of Your Grace") e Doors (em "You Set my Soul").

Para quem estiver interessado, o 1º LP e os EPs anteriores a "Precious Little", junto com um raríssimo CD pirata ao vivo chamado "Trade Mark of Quality" são a agulha perfeita, o que a banda já fez de melhor. Certamente você irá perder o fôlego.



Telescopes - Cheree  
P.O. Box 653  
London E18 2 NX

# WATCHMEN

6867  
DO COMICS INC. TM

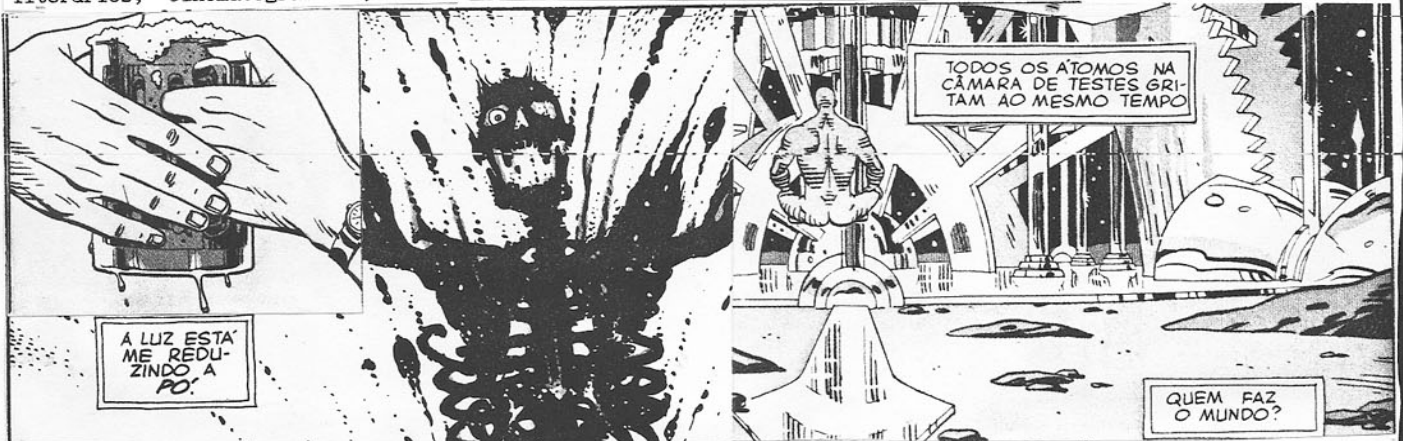
POR ALESSANDRA L.

Watchmen é uma história em quadrinhos única, e os dois responsáveis por essa originalidade são Dave Gibbons, que fez as ilustrações e Alan Moore, o autor do roteiro. Misturam-se passado, presente e futuro em histórias e personagens que se interligam. É quase impossível ler Watchmen apenas uma vez, pois cada leitura proporciona uma série de descobertas e novas reações. A história não acaba. O último quadrinho remete ao primeiro, produzindo uma circularidade alimentada por feed-backs. O desenho é detalhista e não há onomatopéias. A utilização de artifícios literários, cinematográficos, nar-

meçam a ser postos fora de ação como é o caso do Dr. Manhattan e do próprio Rorschach, preso sob falsa acusação de assassinato. O melancólico vigilante Dan e Laurie — filha de uma heroína — voltam à ativa para libertar Rorschach. Rorschach e Dan vão até a fortaleza de Ozymandias, o mais inteligente dos super-heróis, onde descobrem que ele foi o autor de todo o plano: primeiro, acabar com os vigilantes; depois, convencer a Terra da possibilidade de ataque alienígena. Assim, o mundo, que estava à beira de um confronto nuclear, se uniria a fim de defender-se de uma "possível" invasão extraterrestre.

fundar a sua própria editora, a Mad Love Publishing, que já faliu. Por ela Moore publicou sua obra-prima, "Big-Numbers", uma HQ refinada onde ele se aprofunda numa nova área ainda pouco explorada da ficção: a ciência do caos.

Antes de Watchmen, Alan Moore escreveu "A Piada Mortal", "V de Vingança", "Monstro do Pântano" e "Miracle man", esse último com direito a super-poderes, super-cão e por aí vai. Já em Watchmen, ocorre a desconstrução do super-herói clássico. A HQ é uma minissérie diferente dos quadrinhos de heróis que produzem o novo como variação de uma mesma estrutura que se re-



rativas paralelas e trechos de livros tornam a história cada vez mais atraente.

Um mundo como o nosso onde os super-heróis existem é a proposta básica de Alan Moore. A história se passa nos Estados Unidos supostamente vencedor da guerra do Vietnã, graças à ajuda dos super-heróis. O ponto de partida da trama é o assassinato de Eduard Blake, um vigilante frio e brutal, conhecido como Comediante. Rorschach, único super-herói que continua trabalhando de modo independente, dono de um olhar paranóico e apocalíptico, resolve investigar o caso. Misteriosamente, outros heróis co-

O plano, que custou milhares de vidas, foi um sucesso.

Alan Moore é um personagem complexo, um verdadeiro articulador. Suas histórias mais recentes são uma espécie de documento de ficção científica, pois seu interesse não é fazer um mundo de histórias de ficção, e sim ver o nosso mundo como uma grande ficção. O autor de Watchmen não acredita em heróis, por isso a ambigüidade moral impera em seus personagens. O objetivo é o julgamento do leitor. É fazê-lo pensar que o herói não é perfeito e que o vilão nem sempre é frio, mau e diabólico. Watchmen é o adeus de Moore aos super-heróis antes de

pete. Realidade e quadrinhos se misturam e confrontam-se. Se a força dos heróis clássicos — por exemplo, o Super-homem — provém da afirmação de um tipo, a riqueza dos personagens de Watchmen está justamente na sua ambigüidade. É com esse "mal-estar" das ambigüidades que Moore vai perturbar o sono do estereótipo.

Em Watchmen, Alan Moore conseguiu de uma maneira criativa mostrar que as HQ não são sub-cultura. Pelo contrário, elas podem servir como um meio fácil através do qual informações podem ser passadas para um público cada vez maior. Viva os Watchmen! Abaixo o Super-Homem!

## KILL YR. IDOLS!

CHAIRS MISSING zine:  
new issue out in  
late January 1992 with:  
Steve Shelley (of Sonic  
Youth), Tar, Head of  
David and My Dad Is Dead.

ALSO: Top Ten lists!  
Opioniated Record Reviews!

Overseas cost: US\$4,00

### CHAIRS MISSING

P.O. Box 522  
Stratford, CT 06497 USA



AVOID LONG LINES.



## BITCH GODDESS

MISTRESS/SLAVE  
KINKY FANTASIES  
BIZARRE FETISHES

LIVE PHONE SEX

MC/VISA/AE

(212)  
262-7152

She-males available

eletrô doméstico

# ADVENTURE

make-believe

Marion Velasco saiu da Plastic Dream para se a(d)venturar numa dupla com Vicente Rubino (ex-Hexa) em territórios estranhos a este fanzine: dance music. Como pode alguém que tem Pixies como banda preferida fazer algo dance? Se fosse Primal Scream ou The Cure, até se entenderia. Mas o que interessa não é o gosto deste anônimo que escreve, mas a repercussão que o Adventure vem tendo, principalmente em São Paulo. A primeira música da banda

— "Renew" — teve simplesmente 95% de aprovação na "Nova Fm Record", recorde nunca alcançado por uma banda brasileira. Nem "Que Fim Levou o Robin?" (aliás, que fim levou?).

A dupla tem como cabeça e programador o expert em samplers, baterias eletrônicas e sintetizadores, Vicente; dono de um estúdio em Porto Alegre. A voz e os palpites ficam por conta da pintora, escultora e professora de artes, Marion. A idéia é fazer um som dance de qualidade para o público largo que eles dizem existir no país.

Os interessados podem contactar Marion para conseguir as duas músicas já lançadas pela dupla: o hit "Renew" e "You, God and Everybody". Desnecessário frisar que todas as letras são em inglês.

A aventura de quem gosta muito do Pixies e tem escutado bastante My Bloody Valentine acaba aqui.

A/C Marion Velasco

Rua Lucas de Oliveira, 2508  
Baixo Petrópolis - Porto Alegre - RS  
CEP 90460  
Tel.: (051) 331 3444

Quem achava que a eletrônica e a informática andavam esquecidas, pelo menos no rock, vai se surpreender — ou talvez já tenha se surpreendido — com o Make-Believe. Esta "banda" de Porto Alegre só conta com dois integrantes: Antonio Navarro e seu computador.

Navarro já possui um grande know-how em informática, pois vem trabalhando como programador há 10 anos, o que compensou a pouca experiência musical (só sabia tocar 10 notas de guitarra). "Silly Song" é a música pronta em dezembro de 91 como demo single e que já toca em algumas rádios. Ele toca as duas guitarras, canta e usa um seqüenciador como base (bateria e baixo).

No entanto, nem tudo é realmente tão fácil. "Com certeza não é fácil achar as notas certas, o tempo e o tom num computador... Além do quê, a idéia inicial é tirada no violão e depois passada para o computador."

Mas o Make-Believe não fica só aí. Pretende adquirir novos integrantes menos digitalizáveis. Navarro já tocara com o Plastic Dream, mas não houve muita identidade.

Suas maiores influências são My Bloody Valentine, Cure e Alien Sex Fiend. "Make-Believe" tem um sentido de faz-de-conta, simulação, pretexto, o que, além da relação com o computador, tem a ver também com a letra silly, silly, silly...

Mesmo sem encarar os riscos, o Make Believe tem uma boa música com boa base tecnológica. Como o acaso ainda é o maior deus que existe, o logotipo só surgiu graças a uma pane no aparelho. E como o ser humano aproveita tudo, Make Believe vale a pena ser ouvido.

A/C Navarro

Fax (051) 330 2695  
Horário comercial

\* As ondas radioativas da Brasil 2000 FM (107,3) andam perturbando em dois ótimos programas: Clip Independente, todas as sextas às 23:00 h e Digital Session, todas segundas e no mesmo horário. O primeiro existe há 4 anos e é o pioneiro na divulgação e execução de indies nacionais com demos e bandas tocando ao vivo nos estúdios da Brasil 2000. O segundo, produzido por Kid Vinil e Studio Tan CDs, é mais recente e dedicado à execução dos melhores e piores CDs de todos os tempos, completa porra-louquice. Para bandas nacionais interessadas, o Osmar do clip independente recebe demos no endereço: rua Pedro Soares de Almeida, 74 São Paulo SP CEP 05029 tel.: (011) 872-7272.

\* No Rio de Janeiro, André X. e Tom Leão tem um programa que é um inferno, estranho e ainda pode melhorar muito: Hellradio. Eles ainda não liberaram geral, mas se chover demos na caixa deles, eles tocam. End.: Rock It! A/C André X. rua Bartolomeu Mitre, 325 - lj. 106 Leblon Rio de Janeiro RJ Tel.: 529 3116

## Cactus Cream

\* O pessoal do Medellin avisa que mudou de nome: agora se chamam Cactus Cream e soltaram uma demo nova com 2 músicas que pode ser conseguida pelo tel. (021) 239-8215 A/C Paulo José Filho.



# Are you down with



Mai ligo o rádio, já me arrependo: três estações tocam a mesma chatice simultaneamente. Tudo ao mesmo tempo agora. Saco. Mas que droga é esta? Já vi esse clip antes...

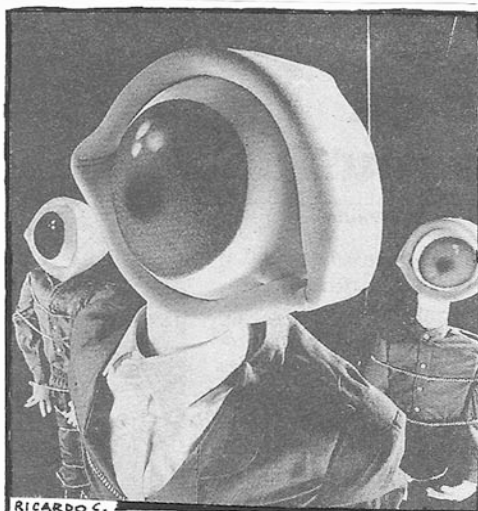
A situação "descrita" acima repete-se todos os dias, protagonizada por inúmeros representantes de nossa juventude dourada. Você mesmo — admita! — já deve ter passado por isto. Contudo, talvez não tenha percebido todas as causas e implicações do processo revolucionário que se operou no mercado musical brasileiro. Que tal analisá-las, modestamente? (vamos, faça um esforço: pense, não é tão mau assim!)

O fato é que o dito cujo mercadinho caracteriza(va?)—se por seu marasmo: um bloco monolítico controlado por "abençoados" que, do assunto, pouco ou nada entendem. Ninguém entra sem convite nesta eterna festinha particular — e, quando eventualmente o faz, descobre que a tal boca livre sobrevive só de aparências. É como numa daquelas "parties" onde o anfitrião finge que serve Ballantine's 12, enquanto seus convidados fingem que o que estão bebericando não é uísque paraguaio, e tudo acaba na mais santa, em meio a entusiasmados comentários técnico-etílicos acerca do sabor, textura e não-sei-que-mais atributos da tal bebida.

Mas eis que surge carne nova no pedaço: a *MTV-Brasil* entra no ar. A princípio tímida (e parecendo confusa em relação a que caminhos tomar), a estação impressionava por um certo ar de amadorismo relaxado — aliás, até hoje subsistem ele-

mentos dessa era: as legendas, só para citar o exemplo mais gritante, não dão uma dentro. A evolução, no entanto, foi rápida; em pouco tempo definiu-se aquela rigidez esclerosada (limitante e limitada, com perdão da rima infame), característica dos outros canais.

Foi assim que, na moita, comendo pelas beiradas, ela começou a mudar a face da cena musical da mais próspera nação do Quarto Mundo. Para comprovar, dê uma olhadinha no elenco do Hollywood Rock 92 (e



RICARDO C.

chore pelo Neil Young não ter vindo): quase todos são filhotes muito bem amamentados pela alta rotação de seus clips e, subsequentemente, pela maciça execução radiofônica. O poder mudou de mãos: agora o jabá é dos produtores e programadores da MTV. Mas, e daí?

Teria que ser de alguém mesmo...

O mais curioso nesta estória é que a imprensa age como se pouco houvesse acontecido. Afora duas ou três sifiliticas notas e comentários superficiais, ninguém deu conta do óbvio: a MTV passou a dar as cartas. Que misteriosa razão leva os "jornalistas" do setor a se eximirem assim de sua obrigação? A *Bizz*, maior revista musical do país, pertence ao mesmo grupo que controla a famigerada estação, e nem por isso — ou será por causa disto? — deixou a covardia de lado.

Ok. Depois de todo este blá-blá, cadê a droga da conclusão? — O que rolou foi bom ou ruim, meu bem? Nem um nem outro: não há maniqueísmo possível neste caso. Os defeitos são muitos e inegáveis (às vezes até ofensivos), mas há que se reconhecer as (também muitas) qualidades. Como, caro pós(eur), você teria este acesso fácil a tanta good stuff (Pearl Jam, Soundgarden, Danzig) até há pouco mais de um ano atrás? E que dizer do *Demo?* Fale com qualquer banda sem gravadora, iniciante ou não, e verá: todas batalhando um clip para aparecer por lá.

Pois é. A questão é complicada e talvez mereça aprofundamento, com análises e críticas mais construtivas. Por enquanto, ficamos por aqui — espero que um pouco além de onde partimos. Não perca as cenas dos próximos bat-capítulos, nesse mesmo bat-canal — afinal, baseados no atual nível da imprensa especializada no Brasil, podemos garantir: aqui você lê tudo, antes.

## livraria RIOMARKET

- ficção
- poesia
- comunicação
- filosofia
- publicações universitárias

# Poesia em Pânico

café

- tortas
- mini-pizza
- salgados
- sucos
- chá

Av. Pasteur, 250, sls. 101/102 —  
Rio de Janeiro, RJ, 22306 — Tel.: (021) 542-6242

RAMONES L7 SMASHING PUMPKINS FOR GABRIELA DIAS

MCS THE FARM ride THE BLACK CROWES

NIRVANA PEARL JAM THE INFECTIOUS GROOVES

SUICIDAL TENDENCIES BABES IN TOYLAND GWAR

THEY MIGHT BE GIANTS METALLICA

BEAUTIFUL SOUTH Tears For Fears CRAMPS

TEENAGE FANCLUB BUFFALO TOM YNGWIE MALMSTEEN

SLAUGHTER OBITUARY PRIMUS DANZIG

PRONG SOS Utd. State 90 BENEDICTION

KILLING JOKE BEASTIE BOYS ROLLINS BAND

FAITH NO MORE SKID ROW SEAWEED

PANTERA RED HOT CHILI PEPPERS SOUNDGARDEN



CD \* CAMISETA \* VIDEO \* ANEL \* CINTO  
POSTER \* ADESIVO \* REVISTA \* HQ

AV BARTOLOMEU MITRE 325 LOJA 106 LEBLON RIO  
8 529-3116



# GARAGE FUZZ

Quando perguntamos à banda onde eles gostariam de tocar aqui no Brasil, Alexandre (guitarra) respondeu: "Dentro de uma Igreja Universal do Reino de Deus e junto da gente umas putas, rebolando como se fosse num puteiro e o pastor vestido de "sadosô" dando umas chicotadas naquele Marcelo que mandou as criancinhas para o céu!". Neste ponto a entrevista estava terminando, e o Garage Fuzz mostrava de novo que, muito mais que suas guitarras, sua verve é bastante afiada.

Desde quando foi formada, em setembro de 1991 (quando a vontade de Alexandre de montar uma banda se uniu a um convite de Zé Luis para que eles abrissem um show do Pin Ups), esta banda de Santos, SP, já tocou 15 vezes em menos de um ano. É uma história respeitável para a banda que me surpreendeu no seu primeiro show ao tocar quatro excelentes músicas com um baixista provisório e apenas seis ensaios. Naquela época, Alexandre improvisava as letras quando subia no palco: "Era engraçado. Eu escrevia os refrões e inventava o resto da letra. Quando acabávamos os shows, eu perguntava às pessoas o que elas tinham achado das letras e algumas falavam que tinham achado legais. Aí eu começava a rir..."

O Garage Fuzz pode ter perdido um pouco da espontaneidade e improviso destes primeiros dias, mas com certeza ganhou o que merecia (reconhecimento dos críticos, com duas matérias na "Folha de S. Paulo" e uma no "Estadão", entre as melhores da nova safra do rock brasileiro) e achou o que procurava: peso. Segundo Alexandre, com a entrada de Fabrício, ex-baixista dos dois LPs do Psychic Possessor, "o som ficou mais trabalhado e pesado". O mais novo integrante é Marquinho, baterista dos Pin Ups, que ocupa no Garage Fuzz o posto de vocalista — nada estranho para a experiência que ele tem na sua banda original (onde ele canta "Loose" no LP "Time Will Burn"). Alexandre já tocou em duas bandas de metal (Ovec e Psychic Possessor) sendo que nesta última ele entrou quando dois LPs já haviam sido lançados. Talvez venham daí os

temas abordados pela banda em suas letras críticas, agora já escritas: "Não consumismo, atitudes anarquistas de Jesus, pessoas que mais parecem fantoches. Não conseguimos fazer letras como "Baby, eu te amo, preciso de você, me beije, pois estou ligado" ou "Oh! O dia é triste, a chuva cai lá fora, me sinto triste, neste inferno de inverno", deu para sacar? Preferimos passar mensagens para que as pessoas possam refletir."

Reclamando alto, tanto no volume como nas idéias, Garage Fuzz ensurdece com influências dos antigos Byrds, Black Sabbath, Sweet e MC5 remontadas sobre Mudhoney, Dinosaur Jr., Screaming Trees, Flaming Lips e Sonic Youth. Com todo este cacife, a banda foi convidada para tocar na festa de inauguração da filial da Sub Pop no Brasil (*Studio Tan*), que foi, segundo a banda, "o melhor show, pois tinha o melhor público junto com a melhor aparelhagem, melhor palco e melhor estado físico da banda." Outro show para ser guardado na memória foram os dois do Aeroanta onde a banda foi ouvida e elogiada por Jello Biafra (ex-Dead Kennedys) que aconselhou a banda a mandar uma fita nova, com as letras refeitas e o nome (Garage Fuzz) mudado, pois, segundo Jello, "não tem sentido em inglês".

Ultimamente a banda têm dado um "refresco" nos shows, pois, segundo Alê, "depois de um ano tocando direto a gente precisa parar para rever o que fez. Além do que, nós queremos gravar uma demo melhor com três músicas (sendo uma cover ainda não definida entre Fugazi e Poison Idea) para mandar para o Alternative Tentacles".

Com tantos melhores assim, só falta uma melhor demo: "Nós temos uma fita que é um ensaio gravado, mas está uma bosta. Estamos preparando a nova. Escrevam!" Quem quiser conferir que escreva e encomende também os números disponíveis do fanzine "Noise e Flores", editado pelo Alexandre. Ele promete para breve um novo número e a estreia do novo mini-zine: *Therapy*. Escreva para esta Garage(m), pois ela promete.

Rodrigo



A/C Alexandre Brás  
Rua Egídio Martins, 119-A  
Santos - SP CEP 11030  
Fone (0132) 315352



"Não existem coincidências.", já concluiu Carl Gustav Jung em uma experiência. Ele colocou dois macacos da mesma espécie, separados e incomunicáveis, em lugares diferentes. Jung observou que ambos descobriram a banana\* ao mesmo tempo e a usaram para o mesmo fim: comer. O que se conclui desta experiência é que há uma sincronicidade entre animais da mesma espécie quando eles estão em pé de igualdade, ou seja, quando ambos possuem as mesmas oportunidades, apoio e desafios.

Pois é, enquanto os macacos de Seattle arrumam galhos onde possam se pendurar, os daqui continuam com os seus quebra-galhos. O estouro de bandas como Nirvana, Mudhoney e Tad deixou isto bem claro: enquanto lá bandas novas que têm qualidade gravam singles com meses de vida, aqui bandas melhores penam para gravar simples demos.

É isto que acontece com o **SECOND COME**. Já conhecida dos leitores assíduos deste fanzine (ver MM # 3), mas ainda anônima junto ao público que começa a ter acesso agora às novidades estrangeiras, o Second Come está de volta com uma nova demo: *I Ain't*. A vontade da banda de mostrar sua música é tanta que a impressão é a de que há algo de sobrenatural impulsionando estes quatro caras que chegam à 3ª demo. A anterior, *Wade's Bed*, com sete músicas (mais que o dobro de qualquer 45 rpm de bandas americanas ou inglesas) teve uma repercussão boa, segundo a banda: trouxe vários shows em SP e no RJ, matéria na *BIZZ* (março de 1991), na revista *Animal* (nº 20) e no jornal *O Estado de S. Paulo*, onde o jornalista Marcel Plasse classificou-a como virtual melhor disco do ano de 91 (se tivesse sido prensada). Pena...

Mas o que faz do Second Come uma banda tão boa? Se você não é expert em música e quer entender esta fórmula mágica, o mínimo que posso fazer para explicar é relacioná-los ao Nirvana. Embora qualquer tipo de comparação seja evitada por todos

# Second

ao vencedor, as bananas !!!

da banda — pois "as pessoas pensam que, só porque há semelhanças, nós somos plagiadores", diz Francisco (baixista) —, esta associação só serve para confirmar a sincronicidade que há. A bateria vigorosa e o baixo elaborado estão sempre em perfeita harmonia com notas básicas, em eficientes arranjos de guitarras pesadas e barulhentas. O resultado são 2 a 3 minutos de intensa experiência sonora onde a mistura de peso e melodia é possível e bem feita. Tudo isto coloca o Second Come no rol de bandas "novas" como o próprio Nirvana, Swervedriver e Mudhoney, que têm idéias simples e personalidade. "Acontece", intervém Fernando (guitarra solo), "que nós passamos por caras que copiam as coisas de lá simplesmente porque ninguém sabe que nós existimos."

"Por exemplo, eu gosto de Tad", diz Fábio (guitarra e vocal). "Tad deve ter aparecido na mesma época que nós, ou poucos anos antes, e eles fazem o mesmo som que nós fazemos. Eu gosto deles, mas não são influências."

Já que estamos falando de peso, por que o Second Come está mais pesado?

"Porque nós estamos comendo muito", explica Fábio.

Resposta razoável. O Second Come sempre foi assim: irônico. Kadu, o novo baterista, tenta explicar: "Você pode ver que ficou mais pesado depois que entrou um novo integrante..."

Continua a ironia.

"Não é nada disso. É que ele não conseguia tocar mais leve, então a gente teve que pegar pesado...", explica Francisco (baixo).

Este é um ponto de discussão constante na banda; enquanto uma metade acha natural deixar de tocar as músicas antigas e aproveitar um pouco desta "onda" pesada que assola o país ("Nós já estávamos na onda antes dela se formar, por isso é normal que a aproveitemos", diz Kadu), a outra metade teme pelo esquecimento das músicas antigas e pela perda de originalidade ("Quando "Echo" era moda, se falar

em Black Sabbath era um pecado", diz Francisco). Como a banda sempre viveu numa democracia, os últimos shows têm intercalado músicas novas, como a estrondosa "704" e novas versões, como a *fast-food* da antes *groovy* "Shoes".

Mas todos que ouvem as demos e vêem os shows sabem que o Second Come tem personalidade. A própria banda concorda que, de uma maneira ou outra, eles têm cacife para apostar num disco. "O momento agora é de tentar gravar um disco aqui, por uma gravadora independente ou não, e mandar este disco para fora do Brasil", afirma Francisco. Algumas fitas já foram enviadas para a Inglaterra, mesmo com a banda não acreditando na força de uma demo brasileira no mercado inglês ("É mais uma fita para o cara que receber desgravar, mesmo gostando do som. Um trabalho prensado impressiona mais", diz Kadu). Entretanto, uma das fitas deu resultado: a Wiiiija Records, uma ínfima mas conceituada gravadora inglesa (Sun Carriage e Therapy?) gostou do trabalho e pediu mais material, ou seja, um LP ou uma nova demo. Pessoas na gravadora se dispuseram a ajudar o Second Come numa eventual turnê européia que também conta com apoio de várias casas na Alemanha que manifestaram interesse.

Diante de tantas especulações e esperando um galho que não se quebre aqui pelo Brasil, o Second Come continua seus shows. Afinal de contas, como disse Fábio, "os planos futuros são tocar, tocar e tocar... até ficar surdo. Vamos trabalhar esta demo como nunca (trabalho que vêm sendo recompensado com a venda de mais de 40 fitas em 3 meses através da Spider CD's, onde a fita está à venda), gravar e poder excursionar por aí, fazendo zona em hotéis, destruindo camarins e conhecendo garotas como qualquer outra banda." Como se pode ver, existe mesmo a tal sincronicidade entre animais da mesma espécie, pois o Second Come e seu público fiel já descobriram a banana há três anos. Só falta a oportunidade que têm os macacos de lá.

# COMO

sucesso no exterior

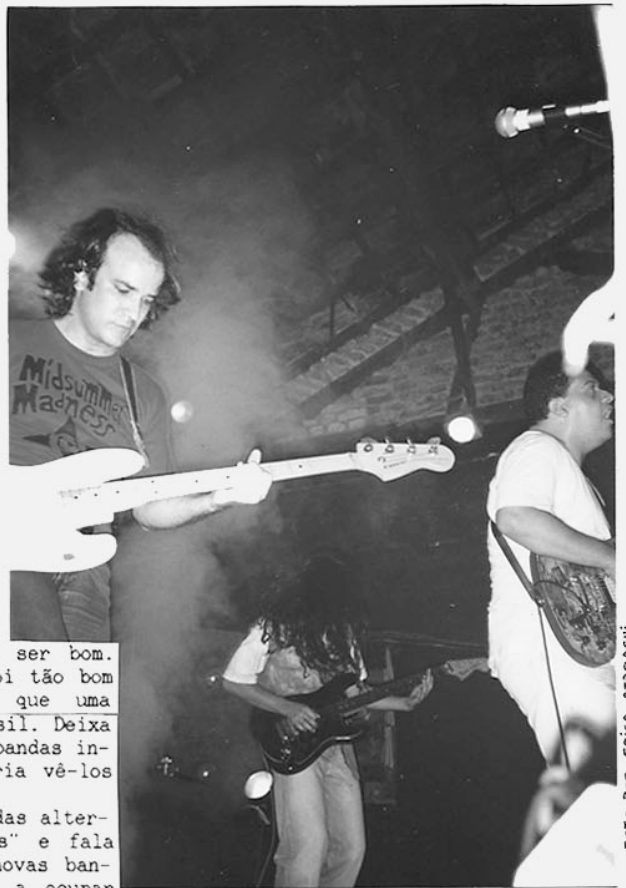


FOTO POR ERICA ATARASHI

De última hora, parece que a teoria de Jung vem se confirmar. Em recente viagem à Inglaterra, o jornalista Marcel Plasse visitou a redação dos semanários ingleses *New Musical Express* e *Melody Maker* com várias demos de bandas nacionais (entre elas, a do Second Come). Em matéria de 06 de maio de 1992 (mesmo dia da festa que lançou a demo no Kitschnet - Rio de Janeiro) do jornal "O Estado de São Paulo", o jornalista comentou sobre as observações feitas por Everett True (do *Melody Maker*) e Steve Lemaq (editor da coluna ON sobre bandas novas no semanário NME) onde o primeiro afirma: "Eles [o Second Come] têm um feeling muito vital, perfeito para o tipo de música que fazem (...). Me lembra quando o Jesus

and Mary Chain costumava ser bom. Mas o Mary Chain nunca foi tão bom assim. Difícil imaginar que uma banda dessas venha do Brasil. Deixa no chinelo uma porção de bandas inglesas, como Ride. Adoraria vê-los ao vivo."

A matéria se chama "Bandas alternativas saem das garagens" e fala sobre a competência das novas bandas nacionais que chegam a ocupar lugares famosos como o Aeronta, que esteve lotado no último show dia 15/07/92 com Pin Ups, Garage Fuzz e Killing Chainsaw abrindo para o Second Come. O show foi gravado em vídeo... agora é a vez dos estrangeiros suarem para conseguir um pirata das, quem diria, guitarras brasileiras.

POR RODRIGO LARIÚ

↑ Second Come 20 vivo no Rio

Demo à venda na Spider Cds - (021) 521-8040  
 Contatos: Francisco (021) 208 4563  
 Kadu (021) 246 5005  
 Fábio (021) 611 1532

\* Em sua experiência, Jung utilizou batatas.

**MANG THE DJ**  
 ESCREVA P/ QUADRA 19 CONJUNTO 03 CASA 06 SETOR 72.260 BRASILIA - DF  
 \*MANDE 1 SELO DE 1\$ PORTE

my bloody Valentine • MC5  
 boo Radleys • Ride  
 Sun Cartilage • Jush  
 Love Battery • L7  
 vídeos Sonic Youth  
 Superchunk • Loop  
 Swallow • Milk  
 Second Come  
 Plastic Dream  
 Darkside • Cure  
 Dinosaur Jr. • Felt  
 demos • piratas

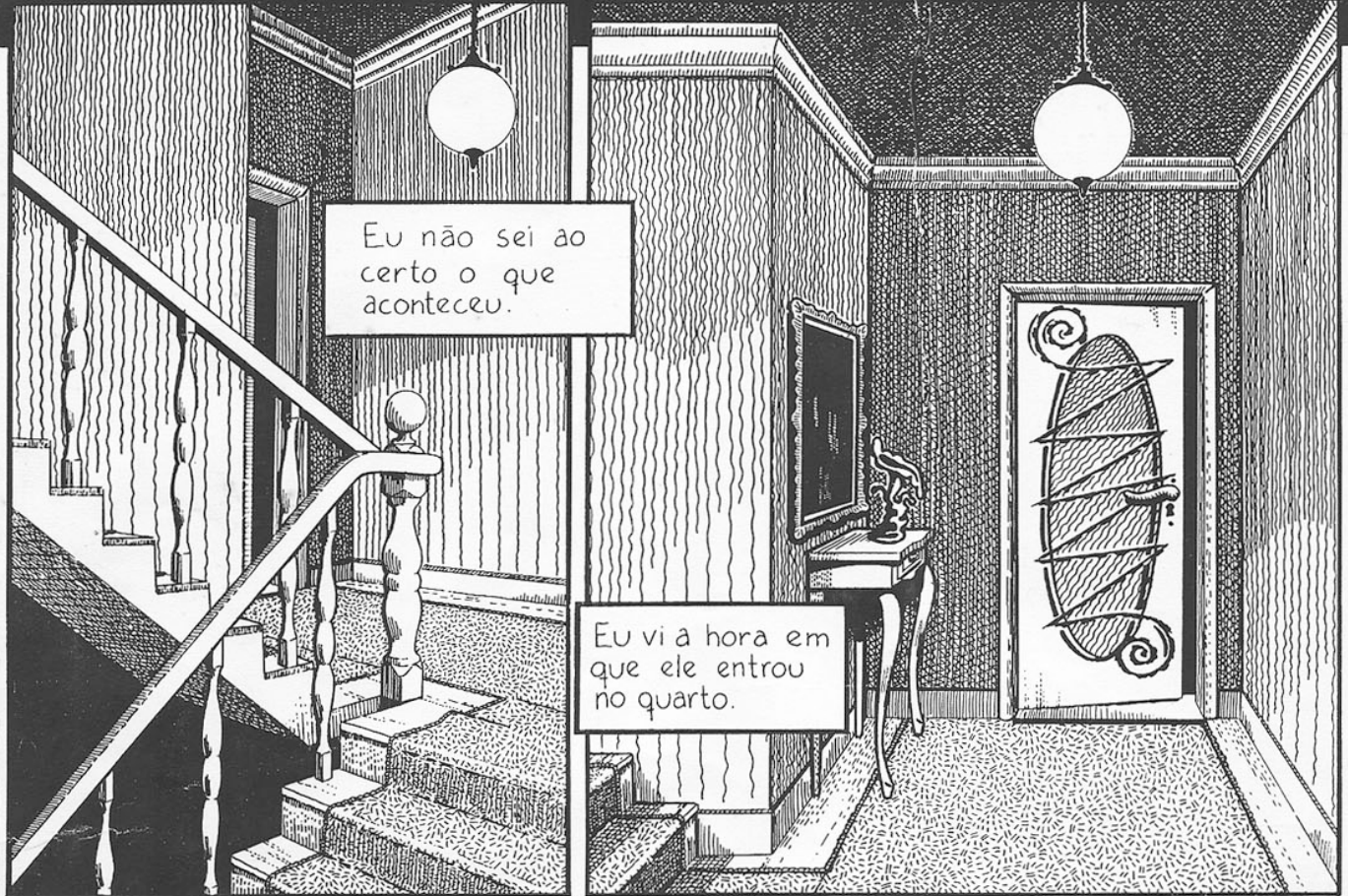
tel. 021 542 68 40

Pixies • Vaselines • Poster Children • Buffalo Tom • Spacemen 3 • Telescopes • Breeders • JMC • Mudhoney • Tad • Y.U. • Nirvana • Teenage Fan Club • Action Swingets • Mercury Rev • Stooges  
 vídeos • raridades

gravações escrita pata o zine

# midsummer madness

# Quarto de Brincar



Eu não sei ao certo o que aconteceu.

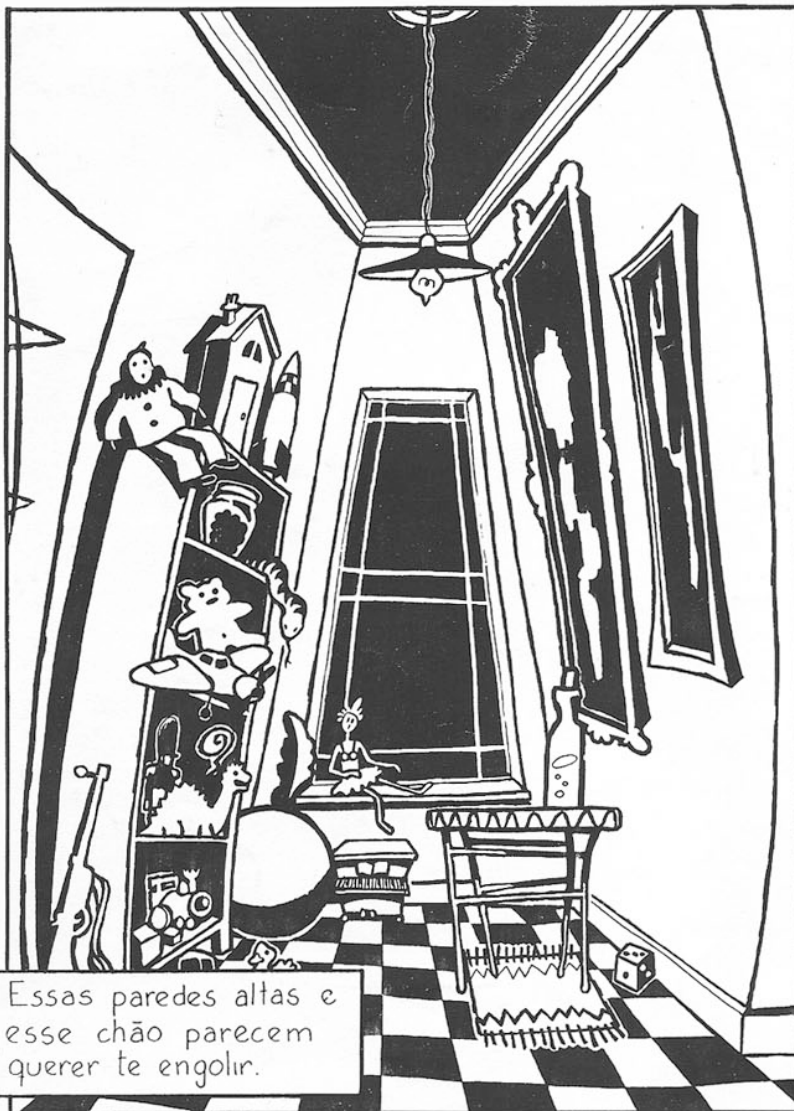
Eu vi a hora em que ele entrou no quarto.



Depois ele sumiu.



Esse quarto é um lugar estranho... Sempre foi.



Essas paredes altas e esse chão parecem querer te engolir.



PHOTO BY CECIL BEATON, 1931

Os enormes quadros na parede parecem vivos.



Tudo aqui é estranho. Até os móveis são estranhos.



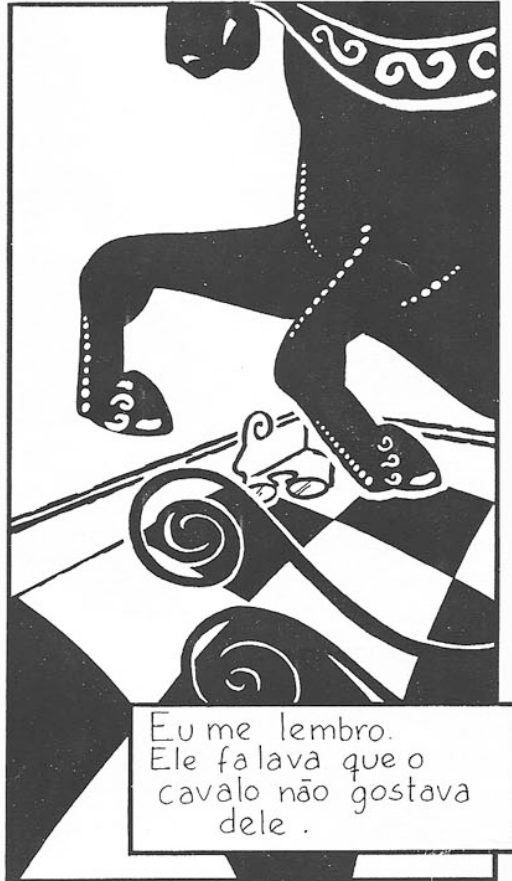
Os brinquedos...



Dos brinquedos  
ele gostava.



Só não gostava  
desse cavalo  
de pau.



Eu me lembro.  
Ele falava que o  
cavalo não gostava  
dele.



Quando criança eu  
achava normal ele  
não sair do quarto,  
mas aos sessenta anos  
eu não entendia.

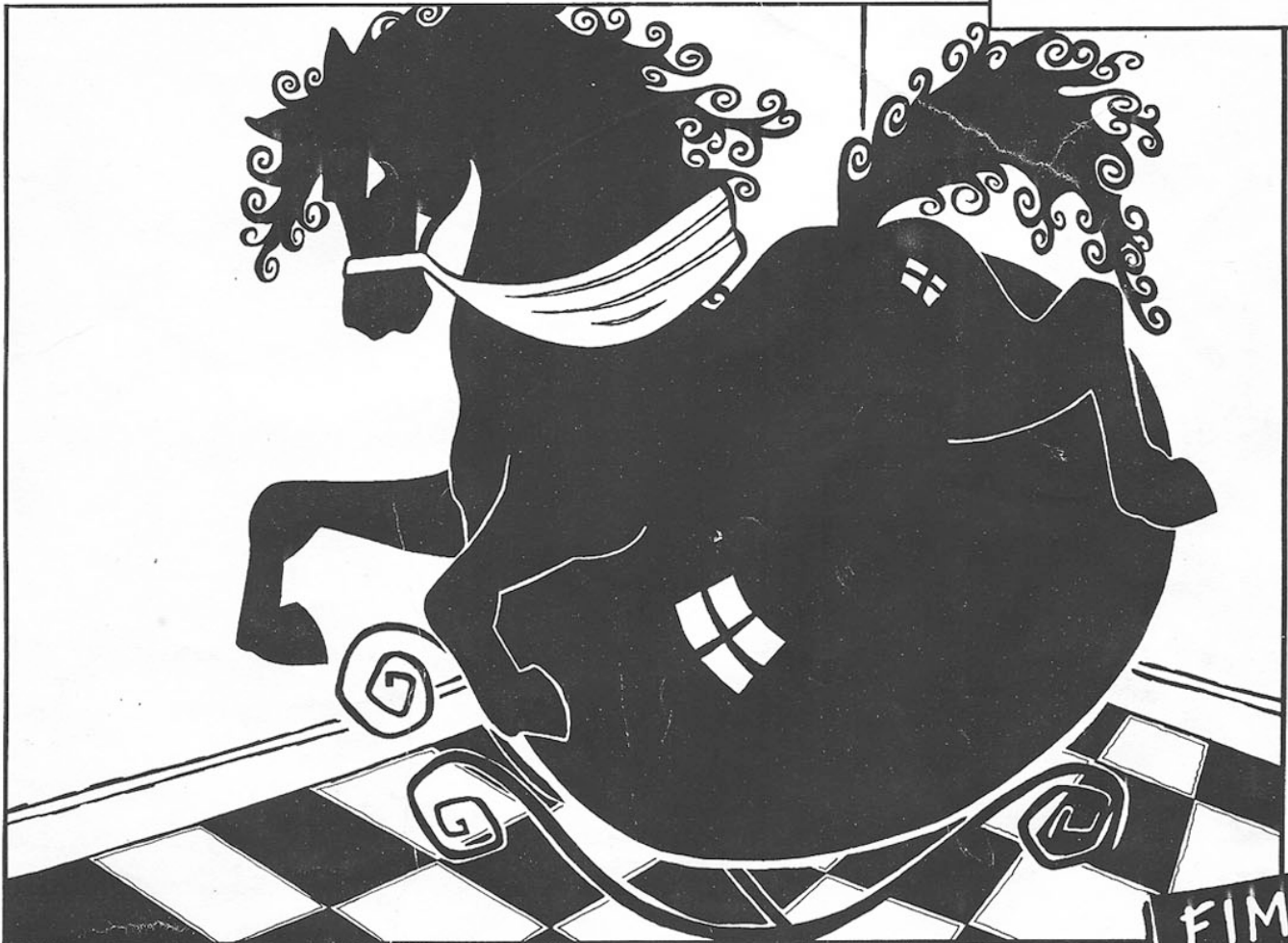




Mas ele insistia  
que algo ruim ia  
acontecer.



O senhor não  
viu o cavalo?!



**FIM**  
15

# Drivellers

"Não. Não vai dar. Não temos vocalista, as músicas não tem letra, não tem fim, o baterista e a baixista só tocam há 6 meses." Esta foi a resposta que recebeu o Second Come quando fez o tentador convite para as Drivellers abrirem seus shows. Mas, afinal de contas, quem elas pensam que são?

"Não ter aceito o convite do Second Come não quer dizer que nós não confiamos neles ou em nós; nós somente não estamos amadurecidos o bastante para apresentar nossas idéias a um público que nunca nos ouviu", diz Beatriz, guitarrista solo. Bia, e a outra guitarrista, Fabiola, estão tocando juntas desde fins de 89, quando as duas se encontravam todos os finais de semana para fazerem suas músicas somente com guitarras. "Eu e Bia não tínhamos a mínima idéia do que era uma

banda. Nós aprendemos a tocar juntas", revela Fabiola. Naquela época elas tinham uma sonoridade bastante elaborada e, se podemos assim dizer, sinfônica, tal a sofisticação das músicas. A ausência de outros elementos em sua música terminou em novembro de 90, quando Alessandra começou a tocar baixo e Cadu, bateria por pura insistência das duas pioneiras. "Nós não procuramos pessoas que tinham instrumentos para tocar conosco, mas sim pessoas que eram nossos amigos e em quem confiamos", explica Fabiola.

Hoje, com um ano já completo, dez músicas (quase metade com letra), mas sem um vocalista (estão à procura de um), as Drivellers (nome escolhido por Alessandra e que tem dois significados: "nonsense" e "falar de maneira estúpida, como uma criança") continuam a banda

mais sincera e divertida que eu conheço. Influências eternas como Smiths, Jesus e Velvet Underground se misturam com novidades atraentes como Telescopes, Ride, Galaxie 500, Nirvana e novos instrumentos. "Agora está mais rock 'nd roll", dispara Fabiola, "nós descobrimos o distortion, o cry-baby e o Cadu, seus pratos série especial.

Com o futuro da banda em função do futuro de cada integrante, eles não se preocupam com reconhecimento. "Nós tocamos juntos porque nós nos divertimos juntos", diz Cadu. Sem shows marcados, mas com ensaios semanais nas garagens de Bia ou de Fabiola e sem demos, as Drivellers são um ótimo exemplo das centenas de bandas que existem por aí e que esbanjam o que mais falta ao rock atual: descompromisso e tesão.



\* Da esquerda para a direita: Bia Lamego (git. solo), Fabiola F. (git.), Alessandra (baixo) e no detalhe Cadu (bat.).



\* Drivellers - A/C Beatriz Lamego: rua Leila Diniz, 389 São Francisco Niterói RJ CEP 243360-110.



CD'S

Rua Visconde de Pirajá, 281 slj. 212

Fone/fax (021) 5218040 - Ipanema Rio RJ 22410



# Manoel de Barros

## O INVENTADOR DE PALAVRAS

por GABRIELA DIAS

### PREFACIO

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) - sem nome.  
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.  
Insetos errados de cor caíam no mar.  
A voz se estendeu na direção da boca.  
Caranguejos apertavam mangues.  
Vendo que havia na terra dependimentos demais  
E tarefas muitas -  
Os homens começaram a roer unhas.  
Ficou certo pois não  
Que as moscas iriam iluminar  
o silêncio das coisas anônimas.  
Porém, vendo o Homem que as moscas não davam conta de  
iluminar o silêncio  
das coisas anônimas -  
Passaram essa tarefa para os poetas.

### RETRATO

Quando menino encompridava rios.  
Andava devagar e escuro - meio formado em silêncio.  
Queria ser a voz em que uma pedra fale.  
Paisagens vadiavam no seu olho.  
Seus cantos eram cheios de nascentes.  
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

"Manoel de Barros, sim senhor, pois não". Poderia ser um peão matogrossense, peão de boiadeiro; um caboclo das Gerais; um migrante em um barraco dependurado no morro, ou... um poeta, uma iluminura de poeta.

Este nome artisticamente simplório é um dos véus que encobrem o escritor com sua notória timidez. Imagina só: chegar numa daquelas livrarias abarrotadas de títulos e autores que os vendedores simplesmente desconhecem e... "Você tem o último do Manoel de Barros?", "que mané de barro o quê, tá pensando que isso aqui é botequim de portugueses?", etc.. E aí, para explicar

quem é o tal "de Barros", vai ser um deus-nos-acuda de dar gosto - que provavelmente terminará em uma loirinha suada, no bar do lusitano da esquina. O caríssimo leitor poderia objetar que há muitos ilustres de mesma graça; no entanto, estes se distinguem por seus sobrenomes: quem há de negar o impacto de um "Bandeira", por exemplo?

Ele tem 74 anos, mas escreve qual criança - com aquela visão peculiar e translumbrada do mundo que só os olhos infantis possuem. Vide os exemplos acima. É a "estética da ordinariade", termo com o qual o próprio poeta concorda: diz ele que sua matéria de poesia é "desimportante".

Talvez você não o conheça. Não é de surpreender: este lapidador de palavras é um criador de gado, fazendeiro-pantaneiro dos autênticos. Viu o mar quando estudante, teve medo; cresceu, não conseguiu viver de poesia, voltou para seus bois em 1960. E deles extrai um pouco de seus livros - deles e do que mais houve de "desimportante": da meninice, dos ciscos, dos rios em profusão... "vi um êxtase no cisco, vi uma água viciada em mar!", exclama sem pretensão.

Enfim: corra até a livraria mais próxima e pergunte pelo Manoel, desimportantemente.

PS. Depois, peça para o vendedor pagar a cerveja.



ILUSTRAÇÃO POR  
RODRIGO - ECA/USP  
1992

"... In ten or twenty years history will begin to understand what happened, but one thing is already clear: these are rebels, these music makers who are rejectors of a world they did not make, did not help to make, don't want, and refuse to have rammed down their throats..."

\* 60 Minutes of Midsummer Madness:  
"Son of Mustang Ford" - Swerve  
driver; "Come in Alone" - My Bloody  
Valentine; "Whatever's cool with  
me" - Dinosaur Jr.; "Molly's lips"  
- Nirvana Playing the Vaselines;  
"Star Sign" - Teenage Fan Club;

"Eye June" - Smashing Pumpkins;  
"I Feel like I don't know what I'm  
doing" - Second Come; "The Perfect  
Needle" - Telescopes; "Leave Them  
all Behind" - Ride; "Point Blank  
Mystery" - Thee Hypnotics; "Safari"  
- Breeders.

# LOW DREAM

por RODRIGO LARIÚ

## Brasília's dreaming!

Sono... uaahh!! (bocejo). Mais um sonho se aproxima, de novo começo a ouvir algo ácido, cortante mas tão melódico que me deixo afundar cada vez mais no colchão de ondas sonoras que me rodeia. Mantenho os olhos fechados mesmo sentindo o abismo se aproximar, quero ver até onde vai esta obsessão narcótica causada por sonhos.



FOTO POR CLÁUDIA SANTOS

CONTATOS: 061 223 1394

**SUPERSONIC**  
SHOW!

**LOW DREAM**  
**SUNBURST**  
**02**

Lord Dim Pub

QI-08-Bloco B

Loja 03

ED. Badra Sarkis. Guarã I

6ª feira. 24.07 às 21:00hs

Sonhos vulgares de sadomasoquismo, perversão, caos, ódio, amor e beleza. Assim é que a **Low Dream** vicia, induz a introversão. Os inventores deste alucinógeno são os irmãos Giulliano (guitarra e voz) e Giovanni Fernandez (bateria) da **Low Dream** de Brasília. Os dois, remanescentes da extinta banda **Flowers' Land**, se uniram a Gustavo (baixo) para continuar tocando e reescreveram algumas belas músicas da antiga banda. A **Flowers' Land** pode ser vista como o começo de tudo. Lá foram criadas e idealizadas a acidez e a beleza que hoje mantém a **Low Dream**. Mas os cérebros e principalmente os ouvidos continuam os mesmos.

Entretanto, isto é passado. Hoje com várias músicas novas e maior experiência, os 3 continuam ensaiando para os vários shows que dão na sua cidade. "Nossos shows são verdadeiras lições de rock 'nd roll", enfatiza Giulliano, "o público gosta e parece viajar junto conosco. No dia seguinte, várias pessoas ligam para minha casa para parabenizar e perguntar por novos shows". Agora estes *addicted teenagers* têm a possibilidade de ouvir a **Low Dream** quando quiserem, basta um toca-fitas, pois a banda acaba de

lançar uma demo-single com a faixa "Treasure".

Como o título lembra, "a **Low Dream** é a banda com o som mais britânico entre as "guitar bands" brasileiras", explica o guitarrista, "não parecemos nada com as bandas da Sub Pop e outras mais pesadas. A contribuição americana para nosso som vem apenas do Velvet, dos Byrds, do Galaxie 500 e um pouquinho do **Sonic Youth**". Apesar da clara paixão pelas melodias e franquias sixties, eles preparam uma cover de "Good Enough" do **Mudhoney** para os próximos shows. Inacreditável!

Com "Treasure" pronta e um vídeo da mesma sendo produzido na UnB, estes sonhadores preparam uma segunda demo-single, um vídeo ao vivo e shows em São Paulo, Rio e Curitiba pela **Heaven Tour** (**Heaven** é um ótimo zine local que organiza a tour). Torça para que eles possam vir tocar por aqui, pois este sonho, apesar de vulgar (**Low Dream** pode significar sonho baixo, vulgar ou... ) e velvético ao extremo (...**Low Dream** também pode ser um trocadilho com **Lou's (Reed) Dream** — o cabeça do **V.U.**) vicia e, como maioria das drogas alucinógenas, leva ao êxtase.

# NIRVANA

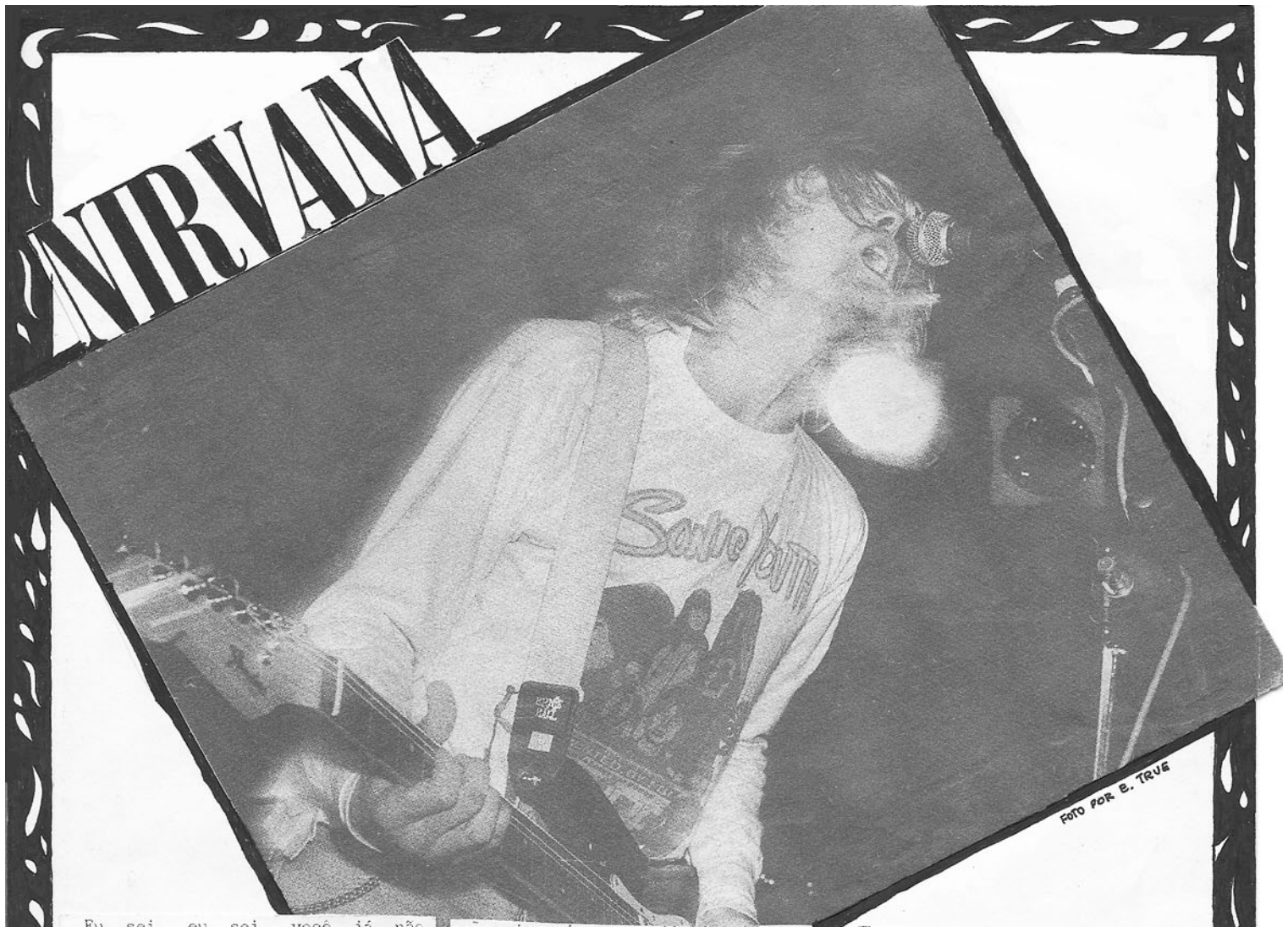


FOTO POR E. TRUE

Eu sei, eu sei, você já não agüenta mais — é Nirvana pra cá e pra lá, em todo canto e a toda hora. Até na Transamérica FM ... Que sacrilégio: a hóstia sagrada caiu na boca da massa. "Smells like Teen Spirit" é nº 1 do Oiapoque ao Chui. E pensar que o título dessa despreziosa obra-prima vem de uma marca de desodorante...

Mas, afinal, o que houve? Será que a "culpa" é daquele clip lindo? Sem dúvida. Já não é a primeira vez: vide os "casos" FNM e Metallica. Pesa também o esquema promocional da poderosa DGC, claro — você precisava ver o release americano... No fim das contas, tem-se mesmo é que esquecer os purismos e sacudir muito a cabeça.

E o CLIP... aquele pedacinho de fita magnética é uma preciosidade cuja concepção segue uma linha de raciocínio a qual abrange também capa e tudo o mais no CD. Aquilo dá tesão, é ameaçador, provocante, perigoso, é ROCK! Puro, cristalino, concentrado, para se overdosar,

para ingerir aos litros. Quanto mais, melhor. Sempre um novo e apaixonante detalhe. Embriaguez.

Começa na câmera: lenta, observadora, contemplativa, ela viaja pela ensandecida platéia de um modo sempre muito à parte, crítica, como que sem interação. Assim, acompanha as palavras que Kurt ora vomita, ora acaricia... É neste jogo que reside toda a carga significativa da canção: suavidade e agressividade — agressividade? — alterando-se até o clímax, contrapondo-se, dialogando, numa relação quase carnal e que hipnotiza. A raiva de Cobain & cia. e a dos que se encontram — talvez irremediavelmente — inseridos na apatia que criticam; sua leveza é de benevolência para com a mesma: é o sorriso complacente, porque cúmplice. Talvez tenha sido a vergonha desta culplicidade que motivou a escolha dos meios-tons, das cores melancólicas, da iluminação que também é ambígua, porque esconde os rostos ao privilegiá-los

O impacto prossegue: os símbolos americanos estão lá, da cesta de basquete às (peculiares) *cheer leaders* tatuadas. O velho, incansável, trabalha. O ensino emburrece e aprisiona. Enquanto isso, jovens sacodem a cabeleira. Sua ação limita-se a uma revolta aparente: a fúria é não-participante. Porém, não há julgamentos — a sutileza é total, e a coisa só fica mesmo explícita na capa, simples e magistral. A "imparcialidade" é tal que possibilita o fenômeno que hoje assistimos: milhares ouvindo, amando e preferindo êxtase fácil e rápido, orgasmo sem mea culpa. (Outros, é porque não entenderam nada mesmo.) Alguns esquentam a cabeça. *Well, nevermind.* Estupidez. Quem disse que era para levar tudo a sério *anyway?*

"Mas eu sempre achei graça quando as Pessoas estão falando sério. Acho que isso é um defeito alimentar." (Manoel de Barros)

\* Quem estiver afim de ouvir o que a Biba Meira anda aprontando, escreva para a banda Ceres — A/C Helenita Peruzzo (vocal) - rua Henrique Dias, 247 ap. 03 Bonfim Porto Alegre RS CEP 90210 ou telefone para (051) 221-5274.

\* Ainda em Porto Alegre, outra boa opção é o zine The Maximum Noise do veterano Jaco, que traz Cure, Ride, Plastic Dream e Soundgarden além de uma coletânea com bandas locais intitulada "No Noise". Escreva para Cx. Postal 10115 - Porto Alegre - RS CEP 90001 para checar os preços.

# Jarman

## canonizado

Por PEDRO BUTCHER

O cineasta Derek Jarman, conhecido por aqui pelo cult film Caravaggio, foi canonizado. Não pelo Papa, obviamente, mas pelas irmãs da indulgência perpétua, uma debochada associação gay britânica que escolheu Jarman seu primeiro "santo". O título é merecido, pois os filmes de Jarman não são apenas de temática gay, mas militantes, principalmente os dois últimos, que o cineasta realizou já sabendo ser portador do vírus da AIDS.



Divulgação

*The garden*, seu penúltimo filme, foi considerado pela mídia como um testamento. Quase todo filmado no jardim de sua própria casa, *The garden* relata a trajetória de um casal gay, comparando-a ao calvário de Cristo. Mas, como em seus outros filmes, não há linearidade narrativa. A película é na maior parte em super-8 ampliado para 35mm, a bitola normal dos cinemas, o que gera um efeito de granulação da imagem. O resultado, não só pela técnica mas também pela ausência de diálogos (apenas alguns poemas são recitados), é quase uma total abstração.

O filme merece o título de *underground* talvez mais do que qualquer outro de Jarman. O cineasta está habituado a filmar com amigos como

atores e em cenários restritos, geralmente num estúdio com poucos elementos de efeito estético. *The garden* traz o despojamento para dentro da casa de Jarman e transforma seu autor em personagem. Há uma clara distinção de suas outras produções, quase sempre mais suntuosas.

A despeito do desejo geral da mídia pelo sensacionalismo, praticamente matando por antecipação o cineasta ao declarar *The garden* um filme testamento, Jarman realizou um outro filme, *Eduardo II*. Trata-se de uma versão bastante pessoal, como não poderia deixar de ser, da primeira peça gay que se tem notícia, escrita pelo inglês Christopher Marlowe, em 1563. A peça conta o caso de amor entre o rei e um plebeu, Gaveston, e seus esforços para manter-se no poder apesar da conspiração de sua mulher rejeitada, a rainha Isabel, e seu amante. Eduardo II condecorava Gaveston com títulos e lhe concedia cargos no poder, mas a situação não se sustenta por muito tempo. O fim é trágico.

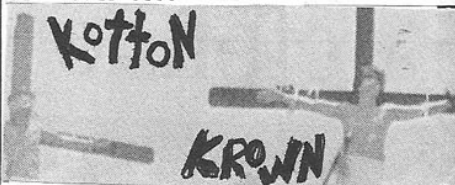
O texto de Marlowe é surpreendentemente seguido com fidelidade. Os figurinos são contemporaneizados, marca de Jarman, assim como a participação da cantora Annie Lennox, que embala a despedida de Eduardo e Gaveston, cantando "Everytime we say goodbye", de Cole Porter. Mas o elemento mais marcante é o violento embate entre uma manifestação gay e a polícia que é trazida para dentro do estúdio. Nunca Jarman foi tão explícito em sua luta.

*Eduardo II* é o melhor filme de Jarman. O cineasta diz que seu filme é, antes de tudo, sobre as dúvidas que o soberano tem a respeito do verdadeiro amor de Gaveston, mesmo dilema que vive Caravaggio com seu modelo. A obra de Jarman sempre esteve dividida entre a militância, o esteticismo e a crítica ao verdadeiro inferno homofóbico da sociedade. *Eduardo II* é o que mais satisfatoriamente une estes três elementos.



# ZINE

\* Endereços importantes: **K Records** - P.O. Box 7154 Olympia WA 98507 USA (gravadora do vocalista do Beat Happening); **Sonic Bubleum Records** - 157, Murdock st. # 3 Brighton; **Reptile Records** - 2541 Nicollet Ave. S. Minneapolis MN 55 404 USA; **Cogumelo Discos** - av. Augusto de Lima, 399 Centro BH MG CEP 330190 Tel.: (031) 226-8557; **Flip-side Zine** - P.O. Box 60790 Pasadena CA 91116 USA; **Backstage** - Cx. Postal 24004 RJ/RJ CEP 20522 Tel.: (021) 567-1058; **The Wild Side** - rua Mitsuzo Taguchi, 184 Res. Sandra Regina Bl. 06 ap. 41 Vila Nova Maringá PR CEP 87040 (ótimo zine, bastante ilustrado e original); **Vênus dos Vândalos** - Cx. Postal 05472 CEP 72001 Brasília DF (o melhor zine que já vi em todos os meus curtos anos de zineiro); **Rollerderby Zine** - P.O. Box 1491 Dover NH 03820 USA (adivinhem quem é a editora? Lisa, what?, Suckdog); **The Ments** - Cx. Postal 70554 Rio de Janeiro RJ CEP 22741; **Das Dores** - Travessa Faria, 28/802 Sta. Rosa Niterói CEP 24240; **Heaven Zine** - SQN 306 Bloco F ap. 502 Brasília DF 70745-060.



\* Uma banda na mira do zine é a **Heaven in Hell** de Campinas que têm tocado bastante pelos lados de lá. Informações com um amigo da banda - Ivan Cristo França - end.: rua Profº Ferreira Lima, 122 Cidade Universitária Campinas SP CEP 13083 Tel.: (0192) 39-2060. O mesmo Ivan tem a sua própria banda, chama-se **Kotton Krown**. Eles têm uma demo com 5 músicas gravadas de um ensaio que podem explicar um pouco do barulho que fazem. Pelo visto teremos um especial Campinas no próximo número.



\* Outra banda competetíssima e uma das minhas favoritas, o **Killing Chainsaw**, está com um disco gravado só esperando uma gravadora para prensá-lo. O petardo se chama "Rape, Thrash and Monica" e traz um dos melhores guitarristas do país (segundo os críticos da "Bizz") Gozando sem sair de cima. Escrevam para o Maurício de Souza e implorem para ele soltar uma verba...